



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

**Cassiano Ricardo e a participação dos intelectuais na ditadura
varguista: um debate acerca do conceito de democracia racial.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aluno: Thiago Rodrigues do Nascimento

Matrícula: 12/0042924

Brasília
Dezembro, 2016.

Thiago Rodrigues do Nascimento

Cassiano Ricardo e a participação dos intelectuais na ditadura varguista: um debate acerca do conceito de democracia racial.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Brasília, 07 de Dezembro de 2016.

Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria
(Orientador)

Prof. Dr. André Pereira Leme Lopes

Prof. Dr. Carlos Henrique Romão de Siqueira

Cassiano Ricardo e a participação dos intelectuais na ditadura varguista: um debate acerca do conceito de democracia racial.

Resumo

O primeiro período do século XX no Brasil é marcado por diversas discussões acerca da estrutura política do país. A participação dos intelectuais nesse cenário de debate se mostrou importante por terem sido utilizados como “mão-de-obra” do governo na máquina administrativa do Estado. Nesse aspecto, o presente artigo pretende discutir o conceito de democracia e o processo de formação do estado brasileiro nas ideias de Cassiano Ricardo presente na sua obra *O Brasil no Original* (1936). Poeta, crítico, ensaísta, historiador, jornalista e advogado, Cassiano Ricardo foi um importante colaborador do regime ditatorial de Vargas, sendo o diretor do jornal *A Manhã*. Procurarei discutir o entendimento de Cassiano para a formação do Brasil, relacionando as ideias que o mesmo utiliza para discutir o conceito de democracia racial, a importância do bandeirante na gênese do Brasil e a forma como o autor coloca a figura do índio no processo de construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Democracia; História das Ideias; Raça; O Brasil no Original; Cassiano Ricardo.

Abstract:

The first period of the twentieth century in Brazil is marked by several discussions about the political structure of the country. The participation of the intellectuals in this scenario of debate proved important because they were used as "government labor" in the state administrative machine. In this aspect, the present article intends to discuss the concept of democracy and the process of formation of the Brazilian state in the ideas of Cassiano Ricardo present in his work *O Brasil no Original* (1936). A poet, critic, essayist, historian, journalist and lawyer, Cassiano Ricardo was an important collaborator of the dictatorship of Vargas, being the director of the newspaper *A Manhã*. I will try to discuss Cassiano's understanding of the formation of Brazil, relating the ideas he uses to discuss the concept of racial democracy, the importance of the bandeirante in the genesis of Brazil, and the way the author places the figure of the Indian in the construction process Of national identity.

Key words: Democracy, History of Ideas, Race, O Brasil no Original, Cassiano Ricardo.

1. Introdução

O trabalho como poeta e pensador pode ser analisado de variadas formas: seja no campo da literatura ou sob a análise historiográfica. A contribuição de um poeta pode ir além das palavras reunidas numa poesia e é este aspecto que o presente artigo se propõe a discutir.

Cassiano Ricardo é natural de São José do Campos (SP), nasceu no dia 26 de julho de 1895 e morreu, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 14 de janeiro de 1974. Além de ser um proeminente poeta, foi também historiador, jornalista e advogado, sendo eleito para a Cadeira 31 na Academia Brasileira de Letras no dia 9 de setembro de 1937 (pouco mais de dois meses depois o Estado Novo estava sendo decretado). Elevado ao cargo de diretor do jornal *A Manhã* em 1941, assumiu uma importante função na ditadura varguista: a de liderar o principal veículo de comunicação oficial do governo de Vargas, coordenando, assim, um jornal que tinha como missão transmitir para a população as diretrizes do regime, numa linguagem popular onde a maioria da população fosse capaz de entender e apoiar as reformas e propostas de Getúlio para um novo Brasil a ser construído pelo Estado Novo, sendo, dessa forma, o mais importante canal de propaganda de Getúlio. Cassiano Ricardo ficou responsável por construir a estrutura do jornal, assinar os editoriais e gerenciar o viés político do mesmo. Para os suplementos e colunas do jornal, Cassiano contou com apoio de outros intelectuais contemporâneos seus, mostrando a relevância que o jornal passara a ter frente à população brasileira.

O jornal *A Manhã* possuía toda essa importância por fazer parte de uma das Divisões de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) mais importante, a da Imprensa, que tinha como missão a censura e controle dos jornais. *A Manhã* possuía todo o aval do Governo Vargas para publicar matérias que Cassiano Ricardo e todo conselho editorial julgavam importantes, juntamente, é claro, com boletins informativos da administração política do país. Em cada Estado do Brasil formava-se um Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) durante o

Estado Novo¹. No caso de São Paulo, Cassiano Ricardo fora nomeado para trabalhar, junto com Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho. Destacando, assim, que antes de assumir a direção do *A Manhã*, Cassiano já atuava aliado ao pensamento de Vargas desde o início do Estado Novo.

É vasta e rica a produção literária de Cassiano Ricardo, dentre ensaios e poesias foi o autor de obras muito importantes como *Borrões de Verde e Amarelo* (1927), *Martim Cererê* (1928), a *Marcha para Oeste* (1940), livro responsável por alavancar o nome Cassiano para a direção do jornal *A Manhã*, *O Sangue das horas* (1943), dentre várias outras publicações. Para este artigo, se discutirá de modo aprofundado as ideias e o texto que Cassiano Ricardo intitulou como *O Brasil no Original*, lançado no ano de 1936.

O ensaio *O Brasil no Original* foi escolhido por conter algumas ideias importantes que fizeram com que Cassiano fosse caracterizado como mais um interprete do Brasil. Se buscará nesse artigo analisar e debater algumas de suas contribuições teóricas presentes na obra, destacando a discussão que o mesmo faz sobre a origem do Brasil e da formação do povo brasileiro. O livro fora lançado no ano de 1936², onde o autor aborda “a bandeira enquanto fenômeno social e político” (CAMPOS, 2007, p. 244). A obra faz uma defesa do movimento das bandeiras como a síntese da originalidade brasileira por conta da proposta do autor de apresentar a contribuição dos paulistas para a construção da nacionalidade no país e também manifestar o apoio político que Cassiano Ricardo depositava no governo paulista de Armando de Sales Oliveira, que mudaria somente com o início do Estado Novo onde Cassiano passaria a apoiar Getúlio Vargas, motivo que faz Cassiano Ricardo ser considerado oportunista político em algumas correntes intelectuais. Antes do regime de Vargas, Cassiano já atuava politicamente em São Paulo, durante a administração de Armando Sales. *O Brasil no Original* relata o apoio político a Armando de Sales Oliveira que Cassiano Ricardo depositava, no contexto histórico, Armando Sales era o governador de São

1 Ver CARONE, Edgard. *O estado novo: 1937-1945*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. 387 p.

2 Maria José Campos afirma que a data de publicação de *O Brasil no Original* é controversa, alguns afirmam, segundo a autora, que a primeira edição é de 1935, enquanto outros afirmam ser de 1936, sendo que a segunda edição é certa ser de 1937. Ver: CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento: - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-19032008-104427. Acesso em: 2016-11-26.

Paulo e disputaria a presidência da república que só não ocorrerá por conta do golpe de estado emplacado por Vargas. E é dentro dessa trajetória política que se analisará as ideias de Cassiano Ricardo para a formação do Brasil e do povo brasileiro narrados em *O Brasil no Original*, discutindo-se, assim, algumas das controvérsias presentes no ideário político de Cassiano.

2. Um debate sobre a História das Ideias

Este artigo se propõe a fazer uma análise histórica baseada na História das Ideias. Por ser um dos campos da História relativamente pouco comentado, realizar um trabalho sobre tal aspecto requer atenção para várias particularidades dessa área de pesquisa. Segundo José D'Assunção Barros:

[...] a História das Ideias sintoniza francamente ou com a História Cultural, ou com a História Política, sendo estes os principais campos históricos que se colocam aqui em diálogo. [...] Às vezes esse diálogo é tão intenso que certos setores da História das Ideias dão mesmo a impressão de serem domínios que se desdobram destas dimensões que são habitualmente denominadas História Cultural e História Política (BARROS, 2007, p. 202).

Assim, por se tratar de uma área que estuda as mentalidades, as ideias e pensamentos, a História das Ideias está ligada a aspectos políticos e/ou culturais na maioria das vezes. No caso da proposta desse artigo, analisar as ideias de Cassiano Ricardo é buscar fazer uma reflexão mais precisamente das suas ideias políticas, onde o campo da História das Ideias se comunica com a História Política e Cultural. Esse diálogo entre História das Ideias, Política e Cultural está presente neste artigo naquilo que José D'Assunção Barros afirma como aspectos particulares da História das Ideias, logo, o ato de examinar “as ideias relacionadas ao pensamento sistematizado de indivíduos específicos” (BARROS, 2007, p. 203). As ideias levantadas por Cassiano Ricardo em *O Brasil no Original* numa interpretação da História do Brasil, se mostram como um integrante de determinado viés político do Brasil. Analisar-se qualquer discurso do passado apresenta alguns fatores que interferem na pesquisa histórica: a orientação política da personalidade histórica, sua formação acadêmica, seus aspectos culturais, entre outros pontos diversos, que vão interferir, como coloca José D'Assunção Barros, no modo como é tratado as abordagens possíveis trazidos pela História das Ideias:

Com relação às abordagens possíveis aos historiadores das ideias – aos seus métodos e fontes históricas possíveis – são empregadas as mais diversas abordagens, indo das variadas possibilidades de análise do discurso aos variados aportes trazidos pelos desenvolvimentos da Linguística e da Semiótica. [...] Foi com os “contextualistas” ingleses – sobretudo com os trabalhos de História das Ideias Políticas desenvolvidos por Quentin Skinner, John Dunn e John Pocock – que surge a proposta de que as ideias deveriam ser sempre e necessariamente relacionadas diretamente aos seus contextos de enunciação, uma vez que os ambientes históricos e culturais sempre influenciam extraordinariamente a escolha das questões a serem estudadas e, sobretudo, a formatação da própria linguagem mais específica dentro da qual um debate de ideias se realiza (BARROS, 2007, p. 203).

Os exemplos de pesquisadores ingleses apontados por José D’Assunção, que mostram a necessidade de atenção para o contexto do momento em que tal ideia é proposta para uma melhor análise dos discursos, apontam para um importante aspecto da História das Ideias: a importância da atenção na análise do discurso, atenção para o texto da fala, contexto da fala e período de fala. O sistema linguístico utilizado também é importante no momento da reflexão histórica, no caso de Cassiano, quando se analisa uma de suas obras, leva-se em conta que linguagem estava em voga na época de redação dos mesmos, bem como no sistema oral e escrito realizado, assim os equívocos linguísticos são reduzidos, assim como o perigo dos anacronismos são minimizados.

Na análise do discurso político, Marcelo Jasmin aponta as principais contribuições de Skinner e Koselleck para a área³. Para Quentin Skinner, segundo Jasmin:

[...] As interpretações contemporâneas acerca das ideias do passado tomavam conceitos e argumentos sem a devida consideração de seus significados originais, transformando os antigos em parceiros de um debate do qual jamais poderiam ter participado. Se para o âmbito genérico da história da filosofia o anacronismo já seria anátema, em relação à teoria política o erro estaria amplificado na medida em que, diferentemente de formas mais abstratas da elaboração filosófica – os tratados de lógica são o caso mais extremo – , os trabalhos da filosofia política seriam elaborados como atos de fala de atores particulares, em resposta a conflitos também particulares, em contextos políticos específicos e no interior de linguagens próprias ao tempo de sua formulação (JASMIN, 2005, p. 28).

³ JASMIN, Marcelo. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: referências preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 20 Nº. 57, 2005.

Assim, Skinner traz o conceito de contextualismo linguístico para as análises de discursos político-sociais de alguma época. Para toda reflexão se deveria levar em conta o contexto político de fala do autor em questão, os usos e costumes de cada palavra utilizada para aquele período de fala. O objetivo da teoria de Skinner seria a de não ocorrer anacronismos nas análises, não criar, assim, palavras e conceitos que o autor nem pensou em utilizar ou nunca pretendeu falar. Toda reflexão estaria na tentativa de entender os discursos o mais próximo possível das ideias do autor no momento da sua construção.

O contexto de que Skinner trata não se trata do contexto histórico tradicional, como período histórico e/ou época histórica, mas, sim, da situação concreta e pragmática em que o discurso é realizado. Dessa forma, a questão seria entender qual era o debate e qual era o sentido da intervenção do discurso específico numa situação prática/concreta.

Por outro lado, Jasmin apresenta a história dos conceitos de Reinhart Koselleck. Teoria que afirma que:

[...] os conflitos políticos e sociais do passado devem ser descobertos e interpretados através do horizonte conceitual que lhes é coetâneo e em termos dos usos linguísticos, mutuamente compartilhados e desempenhados pelos atores que participaram desses conflitos. Desse modo, o trabalho de explicação conceitual quer precisar as proposições passadas em seus termos próprios, tornando mais claras as “circunstâncias intencionais contemporâneas” em que foram formuladas (JASMIN, 2005, p. 28).

Segundo Koselleck toda análise de discurso político deve-se pautar em conceitos que era comuns da época de fala, onde se buscaria estudar a dinâmica entre produção de conceitos e experiência social. Isso faria com que em cada análise se pensasse na volatilidade dos conceitos e o porquê de não poderem ser esgotados numa única análise.

Dessa forma, na história das ideias trabalhadas com Cassiano Ricardo, as teorias de Skinner (contextualismo linguístico) e Koselleck (história dos conceitos) se aproximam no que tange a tentativa de se inferir quais as motivações e objetivos que levaram Cassiano a escrever *O Brasil no Original*, por ser uma obra importante que apresenta a síntese do pensamento político do autor e que apresenta sua visão da construção histórica do Brasil.

3. O poeta, o político e sua obra

Cassiano Ricardo é um personagem singular na história política brasileira da primeira metade do século XX, não por ter sido somente um proeminente poeta, mas porque utilizou de sua capacidade lírica para uso político em apoio ao governo de Getúlio Vargas. Mas antes de ter sido esse importante apoiador do regime ditatorial varguista, nas décadas de 1920 e 1930, Cassiano Ricardo expressava em suas obras algumas discussões acerca do modelo da democracia brasileira e a formação histórica do Brasil, contribuições teóricas que retrataram posicionamentos políticos do autor em relação ao sistema política do país e a forma como se configurou o povo brasileiro. Destaca-se Cassiano Ricardo para analisar a função dos intelectuais na política de Vargas, pois, o mesmo, segundo Maria José Campos, "acaba atuando como mediador entre campos cruciais para a compreensão da história cultural brasileira: a literatura e a política" (CAMPOS, 2006, p. 142).

Antes do apoio a Getúlio Vargas, Cassiano seria partidário de Armando Salles de Oliveira, tornando-se amigo pessoal dele. Durante a administração de Armando Salles em São Paulo, Cassiano teria uma das primeiras experiências à frente de um importante veículo de comunicação: a direção da revista *São Paulo*. Maria José Campos afirma que a revista foi patrocinada pelo governo paulista e que circulou entre a elite política da época, se tornando um instrumento de propaganda política (CAMPOS, 2006, p. 144).

Em 1940, Cassiano Ricardo lança o livro *Marcha para Oeste*, livro marco e icônico que levou o autor à direção do jornal *A Manhã*, de maio de 1941 até meados de 1945. Jornal que foi tido como órgão oficial do Estado Novo, "o jornal pretendia divulgar as diretrizes propostas pelo regime junto a um público o mais diversificado possível" (CPDOC/FGV), logo, Cassiano tinha a importante função de transmitir para uma linguagem popular as diretrizes que a ditadura de Vargas decretava.

Esse trabalho à frente do *A Manhã* foi somente um dos instrumentos utilizados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas para doutrinação e controle intelectual da população. O DIP como máquina repressora e de censura recebe a formatação final em 27 de dezembro de 1939⁴, modelo

⁴ CARONE, O Estado Novo: 1937-1945. P. 169;

que atuaria por todo o período do Estado Novo. Segundo Edgard Carone, “a eficiência do DIP é, em parte, resultado de seu poder e da direção impressa pelo seu diretor Lourival Fontes. Poder de ação e direção, por sua vez, somam-se a todo um contexto próprio dos regimes de direita, dos regimes totalitários e absolutos” (CARONE, 1976, p. 169). Carone afirma, assim, como se dava o *modus operandi* do DIP, um órgão controlador e de censura, em que a principal missão consistia em propagandear um governo necessário para todos, mesmo que sob o regime de ditadura. Atuando como órgão controlador o DIP consegue até o ano de 1945 ter, como afirma Carone, a importância para aquilo que fora criado, com o fim do Estado Novo ele não resiste à abertura democrática e deixa de existir (CARONE, 1976, p. 172). O Brasil, por sinal, só viria a sofrer com a censura somente 23 anos depois, durante a ditadura que destituiriam João Goulart da presidência e decretariam o controle de toda produção intelectual no país.

Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes:

No caso do DIP (como tarefa básica), seu objetivo tinha como que duas faces opostas e complementares. Tratava-se de difundir amplamente a imagem do novo regime que se instalara em novembro de 1937 e de combater a veiculação de todas as mensagens que lhe fossem contrárias. Para tanto, o órgão deveria ser um grande mecanismo de promoção da figura do chefe de Estado, das autoridades que o cercavam e das iniciativas políticas então implementadas, produzindo e divulgando o noticiário oficial e supervisionando todos os instrumentos de comunicação de massa (GOMES, 1996, p. 126).

O DIP teria a imprensa como principal seção de divisão, “já que era o *locus* de produção principal dos elementos do discurso que deveriam ser trabalhados e transmitidos por todos os demais meios de comunicação” (GOMES, 1996, p. 126). Por isso a importância do veículo de comunicação que Cassiano fora destacado para dirigir. Nessas décadas anteriores à difusão dos televisores, seriam os rádios e os jornais os principais meios de comunicação.

Retornando um pouco sobre o período em que o jornal *A Manhã* esteve funcionando como porta-voz do Estado Novo, Angela de Castro Gomes afirma que Cassiano Ricardo foi convidado para dirigir o jornal por ter sólidas raízes, pois além de ter um indiscutível prestígio como escritor, nas palavras de Angela de Castro, “dera inúmeras indicações de que suas ideias políticas afinavam-se com as do regime”

(GOMES, 1996, p. 27). Indicações que em *Martim Cererê* (1926) e em *O Brasil no Original* (1937) são evidenciados, segundo a autora.

Mas, mais do que analisar a trajetória e história política de Cassiano Ricardo, a análise deste artigo se restringe a obra *O Brasil no Original* (1936). Diferente de seus livros poéticos e líricos, *O Brasil no Original* é redigido em prosa, onde o autor defende o movimento das bandeiras como a síntese da originalidade brasileira. É importante destacar que esse ensaio foi lançado antes de *Marcha para Oeste* e depois de *Martim Cererê*, duas outras importantes obras de Cassiano. Este livro, nas palavras do próprio autor, "nada mais é do que a interpretação social e política do 'Martim Cererê', aparecido em 1927" (CAMPOS, 2006, p. 145). Sob o aspecto histórico, geográfico e social, *O Brasil no Original* refaz uma análise do surgimento do Brasil, dos meandros que compõem a sua originalidade.

As décadas de 1920 a 1940 foram com certeza as que mais se puderam ver as ações políticas de Cassiano Ricardo. Mais do que somente realizar uma construção poética da história da formação do Brasil, como foi feito em *Martim Cererê*, em *O Brasil no Original* o autor se preocupa em fazer uma releitura da formação do Brasil sob uma perspectiva mais direta, não optando, assim, pela linguagem que utilizava em suas poesias, a escolha pela prosa faz com que o entendimento do livro seja alcançado por uma parcela maior da população.

Tanto em *Martim Cererê*, como em *O Brasil no Original* e na *Marcha para Oeste*, encontra-se uma discussão em comum entre essas três obras. Especificamente no livro destacado para análise, são muitos os temas trabalhados por Cassiano: discute-se o sentido original da formação do Brasil, a configuração democrática do povo brasileiro, a defesa do movimento bandeirante, a constituição do grupo "Bandeira", a recusa de um sistema político ligado ao fascismo e comunismo, entre outras questões.

Discutir as ideias que Cassiano propõe como origem da originalidade do Brasil é basicamente discutir qual a função e qual a importância, no contexto social do período colonial brasileiro, do movimento empreendido pelos bandeirantes na nossa história. O movimento de expansão territorial caracteriza o bandeirante como o personagem histórico responsável por aumentar as fronteiras do Brasil e, além disso, este ato de afrontamento ao Tratado de Tordesilhas significaria o sentido de originalidade do Brasil, segundo Cassiano Ricardo, pois seria o primeiro passo para

uma independência frente à Coroa Portuguesa. O autor faz da figura do bandeirante o agente que configura o Brasil como um estado moderno, democrático, social e nacionalista. Nessas linhas, Cassiano afirma que:

Sim, pela decisão da coroa o Brasil seria uma coisa; por nossa própria decisão, ele saiu outra. O tratado de Tordesilhas lhe dava uma fisionomia anti-natureza e antiestética. Tornando-o natural e estético, fazíamos um Brasil nosso, não só em suas características geográficas como também em consequência do esforço brasileiro que desobedeceu a famosa convenção castelhana-portuguesa. Ao modelo imposto, preferimos fazer obra de criação. (RICARDO, 1937, p. 10).

Essa desobediência à metrópole é o centro da originalidade brasileira, os bandeirantes foram os atores dessa desobediência, o paulista que prefigura, assim, esse sentido de “seguirmos pelos nossos próprios pés”. O paulista que será o modelo para o “ser brasileiro”, segundo Cassiano. Mais do que a junção das raças, que desenvolveremos mais a frente, a síntese da genialidade e cidadania do brasileiro está configurado nos paulistanos. Mas essa desobediência, como deixa bem claro Cassiano Ricardo, não resultaria em total insubordinação, seria somente às regras e determinações que a Coroa Portuguesa desejava impor, “a desobediência a metrópole não significava, portanto, incapacidade de disciplina, mas o primeiro gesto de autonomia que o individualismo exaltado mais criador e construtivo da bandeira explica e justifica” (RICARDO, 1937, p. 29).

As Bandeiras em si seriam um modelo a ser seguido, pois, segundo Cassiano, a estrutura organizacional de trabalho e a forma como os bandeirantes empreenderam as missões serviriam como modelo para o processo de formação do Estado, não é por menos que Cassiano ressalta que as bandeiras poderiam ser uma espécie de Estado Moderno, pois, da mesma forma que desejava para o Brasil, os bandeirantes seguiam as ordens de um chefe que delineava as missões e objetivos de cada grupo.

4. A democracia e a figura do índio para Cassiano

A forma como é narrada pelo autor o processo da “construção democrática da sociedade brasileira” provoca algumas ponderações. Cassiano Ricardo cita que o

movimento que o Brasil viveu no período de sua constituição social pode ser chamado de “democracia racial”, sendo uma “relação harmoniosa” entre branco, negro e índio.

Na própria constituição das bandeiras, usada em todo momento por Cassiano como modelo para a nação brasileira, se dava o encontro das três raças sob a forma de um relacionamento, como afirmado antes, harmonioso. Porém, antes de entrarmos na discussão das raças para Cassiano, vale ressaltar qual a função que *O Brasil no Original* possuiria. Este ensaio daria as bases para a escrita de *Marcha para Oeste*, assim como *Martim Cererê* também o foi. Logo, todo o livro é composto de assuntos que tratam da formação do Brasil e de sua nação, por isso o longo debate que o autor faz sobre a relação entre raças.

Ao longo de *O Brasil no Original* Cassiano relembra o processo da constituição do “povo brasileiro” no período colonial. Com função propagandística, o livro aborda a gênese do ser brasileiro sob o viés da interpretação de Cassiano Ricardo, assim, vale destacar aqui um trecho da obra *Martim Cererê*, onde o autor narra, de forma poética, o surgimento do relacionamento entre os povos presentes na construção do Brasil:

I

A moça bonita, chama Uiara, morava na Terra Grande.

Dizem que tinha cabelo verde, olho amarelo.

O mato é verde; pois os seus cabelos eram mais verdes. A flor do ipê é amarela; pois os seus olhos eram mais amarelos.

II

Então apareceu um homem de outra raça. Era branco, disse que gostava de luar e de guitarra. Marinheiro, viera, cavalgando uma onda azul. Ouvira a fala da Uiara e não se fez amarrar, como Ulisses, ao mastro do navio, nem mandou tapar com cera os ouvidos aos demais companheiros; ao contrário, saltou em terra e ofereceu-se pra casar com ela.

- Não tem dúvida, só exijo uma condição: vá buscar a noite e eu me casarei com você. Sem noite, não... O sol espia tudo o que a gente faz; e vê tudo... pelos vãos das folhas.

III

Então o marinheiro achou muita graça na condição e teve uma ideia.

- Pois eu trarei a noite pra você.

E saiu com seu navio.

E, não demorou muito, trouxe a noite. Trouxe a noite africana, que veio no navio negreiro. Os homens que o ajudaram a trazer a noite eram pretos; pertenciam a uma terceira raça. Estavam sujos de treva e de fuligem. Rosto e corpo marcados com a tinta da noite. Bastava vê-los, tão escuros, e a gente já sabia de tudo:

Eles é que haviam trazido a noite.

Carvão que chegava, destinado à oficina das raças.

IV

Então a moça bonita casou com o Caraíba branco e pronto!

... Nasceram os gigantes de botas.

Memelucos que eram a soma de todas as cores. Com sangue de índio mágico, de português lírico, de espanhol fabuloso, de africano resmungão e plástico.

E que bateram à porta do sertão antropófago, num tropel formidável.

V

- Ó de casa! Nós queremos entrar! (MENDES, PERES, XAVIER, 1986, p. 6-7).

Esse argumento inicial de *Martim Cererê* informa o pensamento que Cassiano possuía sobre a função social de cada povo que foi participante no nascimento do Brasil. Presencia-se nesses versos de *Martim Cererê* o papel de subordinação que os indígenas e os negros tinham para com o “homem branco”. Mas com o conflito da concepção de raças, a democracia racial, que Ricardo constrói em suas obras, se faz presente também no contexto d’*O Brasil no Original*. No capítulo intitulado “Democracia Social”, Cassiano afirma que:

Mas a verdade não envelhece, como disse alguém. E, embora o elemento predominante das arrancadas tivesse sido o mameluco, cuja primeira geração é a gênese da bandeira, o caso é que esta se utilizou das três raças primitivas para a sua democracia étnica. Isso desde muito cedo, poderia eu acrescentar agora. Estas três cores mesclaram o início de nossa paisagem social e humana com pinceladas justas e admiráveis, mostrando mesmo que, já antes da luta contra o invasor, os três tipos raciais que nos servem de origem se haviam juntado harmônica e harmoniosamente em função de conquista. Com esta circunstância: hierarquicamente dispostos pela função que cada cor adquiriu na organização de cada grupo (RICARDO, 1937, p. 64).

Cassiano Ricardo realiza essa afirmação no contexto de comunicar que as bandeiras eram constituídas pelo encontro harmonioso das raças. Maria José Campos chama de “mito da democracia racial” essas ideias de Cassiano e afirma ainda que:

Cassiano Ricardo prevê a possibilidade de aproveitamento de todos os elementos para a formação da nacionalidade, mesmo os “inferiores”. Nesse sentido, o autor procura alocar os diferentes elementos raciais de uma forma não igualitária, mas que possibilite a cada um ocupar o lugar que lhe cabe. O autor se afirma contrário ao “absurdo biológico das utopias igualitárias”, que, além de iludirem o povo, provocariam a desorganização social (CAMPOS, 2006, p. 146).

Assim, as ideias de Cassiano para a construção de uma história sobre a relação das raças mostram que de nenhum modo elas foram “harmoniosas”, partindo do pressuposto que o autor hierarquiza as três raças e as caracteriza de modos desiguais.

Angela de Castro Gomes afirma que “escrever a história do Brasil é escrever sobre a história de um povo constituído por três raças – ‘o’ índio, ‘o’ negro, ‘o’ branco, todos no ‘singular’ -, ao abrigo de um espaço tropical imenso”. (GOMES, 1996, p. 191). Assim, o povo brasileiro nasce da junção de raças, seguindo um modelo que vai de enfrentamento àquele proposto por Cassiano, onde o negro e o índio são subjugados em relação ao branco europeu, ideia equivocada, mas que alimentou teorias sociológicas sobre o processo de formação do país.

A história oficial perpetuou a imagem do negro e do índio aos papéis secundários no processo de formação do Brasil, sendo o branco europeu o responsável por trazer a civilização à colônia portuguesa. Nessa discussão do papel do índio na construção da identidade brasileira, Ettore Finazzi-Agro afirma que:

[...] para entender melhor o estatuto e a função do índio na construção da identidade brasileira, teremos de combinar as duas perspectivas [...]: a mistificadora e a mitificante do indianismo romântico e a realista e marginalizante do discurso “imperial”. O indígena, em ambos os casos, parece destinado a se fechar na sua condição liminar: é ele quem, habitando a fronteira, nega e reafirma o valor convencional da fronteira; é ele quem, embora às raízes do presente; fica fora da história, pai de um tempo e de uma pátria que o renegam. O índio, enfim, continua sendo uma figura, ao mesmo tempo tangível e ilocável, que pode ser apenas no seu não-ser, atuando no interior de uma lógica extrema: ele é, em outros termos, o limiar que dá acesso à identidade e ao sentido, ficando

todavia excluído de toda identidade, destituído de qualquer sentido próprio (FINAZZI-AGRO, 2013, p. 197).

O índio recebe, assim, dois valores: para a poesia se torna um símbolo de nacionalidade, nossa gênese vem com os índios e convive com os índios. Porém, ao mesmo tempo, o índio, no discurso imperial, é personagem coadjuvante na história da construção da identidade brasileira. Mesmo estando presente no Brasil desde sempre, o índio ora é silenciado na história dos vencedores (dos descobridores), ora tem reduzido o seu valor histórico. Cassiano Ricardo em *O Brasil no Original*, ao atribuir certo valor na figura do índio, está mais centrado em tentar construir uma teoria harmônica da relação entre as raças que formaram o país do que mostrar preocupação em valorizar a presença do índio no processo de formação da nação.

Ser brasileiro, nesse sentido, implicaria em uma reflexão da nossa nacionalidade. Sendo seres genuinamente brasileiros, somos mais indígenas do que portugueses? Somos mais negros do que indígenas? Mais brancos do que negros? É certo que hoje, com toda política indigenista criada no Brasil nos últimos anos, essa revisitação sobre a história da formação da cidadania brasileira tem sido feita de uma forma onde tanto o índio como o negro têm saído do mundo da marginalidade. Entretanto, como afirmou Finazzi-Agro, o indígena ainda tem a sua própria história apagada. Por mais que Cassiano enalteça-o em alguns trechos, está longe de se preocupar em colocar no mesmo grau de igualdade o branco, o negro e o índio. Cassiano está mais voltado e interessado em defender a tese de que somos todos bandeirantes, o símbolo da nacionalidade e originalidade brasileira.

Porém, há ainda uma outra questão a ser debatida sobre a noção de democracia evocada por Cassiano Ricardo. Para o autor, essa forma de constituição de democracia no processo de construção do Brasil é considerada por ele como igualitária, caracterizando, assim, um paradoxo no pensamento de Cassiano. O termo democracia nos traz duas ideias importantes: 1) o entendimento de se tratar de um sistema político onde se busca a igualdade entre todos as pessoas que compõem a sociedade, e 2) um sistema de governo onde se busca ampliar a participação dos cidadão na esfera política, defendendo um liberalismo social. Com *O Brasil no Original* verificamos que Cassiano defende um modelo antidemocrático para a democracia brasileira, pois ao verticalizar a importância dos brancos, negros e índios no processo de construção do país, Cassiano

não busca, assim, a igualdade entre toda a população. Jacques Rancière, afirma em *O Ódio à Democracia*, que:

A democracia é propriamente a inversão de todas as relações que estruturam a sociedade humana: os governantes parecem governados e os governados, governantes; as mulheres são iguais aos homens; o pai se habitua a tratar o filho de igual pra igual; o meteco e o estrangeiro tornam-se iguais aos cidadão; [...] os próprios animais são livres e os cavalos e os burros, conscientes de sua liberdade e dignidade, atropelam aqueles que não lhes dão passagem na rua (RANCIÈRE, 2014, p. 51).

Assim, para Rancière, com a democracia os termos de que se trata a igualdade entre as pessoas é destacada, mesmo que o autor aponte que na era moderna muito do caráter democrático é modificado nas nações, gerando um, como diz o título de sua obra, ódio à própria democracia. Democracia que para Rancière, citando Platão, “é um regime político que não é político” (RANCIÈRE, 2014, p. 50). Talvez por isso que Cassiano trata com tanta incoerência sua forma de democracia para com a formação do Brasil. Além disso, Cassiano afirma que nossa forma de governo necessitava controlar a liberdade individual, princípio raiz do conceito de democracia, que é o respeito às liberdades individuais:

[...] Mas o nosso fascismo caboclo caboclo e original, por isso mesmo que precedeu ao italiano e é profundamente brasileiro, encontra, correspondência política no presidencialismo, abomina o estado totalitário, é federalista e é democrático, embora anti-liberal no sentido de reconhecer que é preciso organizar o paiz e que toda obra de organização é necessariamente uma limitação da liberdade individual em benefício do interesse comum. É por uma democracia não liberalista, mas social nacionalista (RICARDO, 1937, p. 233 e 234).

Mostrando que além de ser equívoco a noção de democracia para Cassiano, este alia para a estrutura política do Brasil uma forma de governo onde o governo se mostrasse autoritário, sendo que mesmo afirmando que no Brasil havia uma abominação do estado totalitário, defenderia algum tempo depois o regime ditatorial de Getúlio Vargas, um regime totalitário. Que entre outros pontos, controlou de forma arbitrária as liberdades civis até o ano de 1945.

5. Conclusão

O Brasil no Original apresenta as ideias de Cassiano Ricardo para o processo de formação da identidade nacional, por mais que seja quase uma ode aos paulistas e bandeirantes, a obra fornece combustível para debater-se o posicionamento de Cassiano frente a alguns assuntos. Este artigo centrou-se em discutir, entre outras coisas, o

conceito de Democracia Racial para o autor. Talvez por ter sido um livro com objetivos políticos, vê-se que com essa obra o pensamento de Ricardo não se alinha ao conceito clássico de democracia. Ao defender as ideias de um relacionamento harmonioso entre as três raças que formaram o Brasil, Cassiano defende ao mesmo tempo uma hierarquização dos mesmos, sendo o valor social do branco posto no ápice das suas ideias, dificultando, assim, um entendimento pleno de democracia na visão do autor.

Ao condenar o comunismo e socialismo em sua obra, o autor começa a alinhar suas ideias com as de Getúlio Vargas, que vai culminar na participação de Cassiano na máquina governamental varguista. Propositalmente ou não, por mais que contenha algumas ideias controversas, *O Brasil no Original* reúne em pouco mais de 280 páginas um apanhado do que o ideário social do período do Brasil Republicano pensava sobre a gênese da sua identidade.

Referências bibliográficas:

BARROS, José D'Assunção. História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007.

CAMPOS, Maria José. Cassiano Ricardo e o “mito da democracia racial”: uma versão modernista em movimento. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.68, p. 140-155, dezembro/fevereiro 2005-2006.

CARONE, Edgard. *O estado novo: 1937-1945*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977. 387 p.

CPDOC/FGV. *A Manhã*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos375/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>. Acessado em: 18/08/2016.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Entretempos: mapeando a história da cultura brasileira*. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 220 p.

JASMIN, Marcelo. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: referências preliminares. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 20 Nº. 57, 2005.

CAMPOS, Maria José. *Versões modernistas da democracia racial em movimento: - estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-19032008-104427. Acesso em: 2016-11-26.

MENDES, Marlene Gomes. PERES, Deila Conceição. XAVIER, Jayro José. *Martim Cererê: (o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis)*. Rio de Janeiro: Antares, 1987. 409 p.

RANCIÈRE, Jacques. *O Ódio à Democracia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2014.

RICARDO, Cassiano. *O Brasil no Original*. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1937. 291 p.

Declaração de Autenticidade

Eu Thiago Rodrigues do Nascimento, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Cassiano Ricardo e a participação dos intelectuais na ditadura varguista: um debate acerca do conceito de democracia racial” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 07 de dezembro de 2016

Thiago Rodrigues do Nascimento